

Luta sem tréguas

A reabertura da Fafen PR e o retorno dos trabalhadores demitidos têm sido prioridade da FUP e de seus sindicatos, desde a histórica greve de fevereiro de 2020. Ao longo dos últimos quatro anos, essa pauta esteve presente em cada ato e mobilização da categoria; em denúncias, representações e ações jurídicas; em diversas audiências e articulações políticas, reuniões com representantes do governo e gestores da Petrobrás.

A reabertura da Fafen PR é também um dos eixos da Pauta Petrobrás pelo Brasil, cujas propostas foram apresentadas pela FUP à equipe de campanha de Lula, no começo de 2022, e posteriormente incorporadas ao capítulo de energia do seu programa de governo. Já na transição de governo, as lideranças sindicais petroleiras tiveram o compromisso de que a fábrica de Araucária seria reaberta, os tra-

balhadores readmitidos e a Petrobrás voltaria a ter protagonismo no setor de fertilizantes.

A FUP vem cobrando, desde então, o cumprimento desse compromisso, inclusive nos fóruns participativos de construção de política públicas nos quais tem assento, como o Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável, o Conselhão, e o Conselho Nacional de Fertilizantes, o Confert.



No dia 23 de novembro de 2023, o Conselho de Administração da Petrobrás aprovou o novo Plano Estratégico, prevendo a reabertura da Fafen PR e a conclusão das obras da Fafen MS. Na sequência, a FUP e o Sindiquímica PR apresentaram à gestão da empresa um parecer jurídico recomendando a recontração dos trabalhadores que foram demitidos em 2020, dada a lar-

ga experiência e conhecimento que eles têm da fábrica de Araucária.

As lideranças sindicais reforçaram a cobrança no dia 05 de fevereiro, durante a audiência de conciliação com a Petrobrás no TST, referente à Ação Civil Pública em que o MPT denuncia a empresa por arbitrariedades cometidas no processo de demissão dos trabalhadores da Fafen.

Em resposta, a diretoria da Petrobrás aprovou em 17 de abril a negociação dos termos do acordo para recontração dos demitidos e o início dos trâmites para retomada da fábrica. No dia seguinte, a FUP e o Sindiquímica imediatamente se reuniram com representantes da Petrobrás e da Ansa para cobrar um Acordo Coletivo nos mesmos moldes do que era praticado antes do fechamento da Fafen.

Com esse intuito, foram realizadas várias rodadas de negociação com a empresa nos últimos dois meses, além de audiências de conciliação com participação do MPT e ações políticas, incluindo encontros com o presidente Lula e a presidenta do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann. Somam-se a isso, a aprovação de estado de greve e a realização de paralisações nacionais.



FUP
FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIROS

Greve de 2020 manteve acesa a chama da resistência



O dia 14 de janeiro de 2020 ainda é um trauma para os trabalhadores da Fafen Paraná. Era o início do segundo ano do governo Bolsonaro, já em curso o processo de desmonte do Sistema Petrobrás, que seria acelerado nos meses seguintes, em meio à pandemia da Covid-19. Foi nessa data que a Ansa comunicou ao Sindiquímica Paraná que a fábrica de Araucária seria fechada e todos os trabalhadores, demitidos.

O anúncio desestruturou a vida de mil companheiros que eram empregados próprios e terceirizados da Fafen. Muitos deles atuavam há mais de 20 anos na fábrica. Vários deles até hoje sofrem as consequências de uma decisão arbitrária, que empurrou o Brasil para uma dependência ainda maior das importações de fertilizantes.

Os petroleiros resistiram o quanto puderam a essa tragédia anunciada, aderindo em peso à greve nacional por tempo indeterminado, que foi deflagrada pela FUP no dia primeiro de fevereiro. Foi a segunda maior da história da categoria e o primeiro grande enfrentamento da classe trabalhadora aos ataques do desgoverno Bolsonaro.

Por mais de 30 dias, os petroquímicos permaneceram acampados em frente à fábrica de Araucária, se revezando em uma vigília permanente para impedir o fechamento da unidade. Na sede da Petrobrás, no Rio de Janeiro, quatro dirigentes da FUP e um diretor do Sindiquímica PR ocuparam por 21 dias uma sala do andar da Gerência de RH, cobrando negociação para preservar os empregos.

A solidariedade foi outra marca desse movimento. Já no terceiro dia de greve, um grande acampamento foi montado pelos movimentos sociais em frente à sede da Petrobrás, na Avenida Chile, no Rio. Petroleiros, petroquímicos e diversas organizações populares permaneceram em vigília, dia e noite, realizando diversas atividades em apoio à luta da categoria.

As ações solidárias dos petroleiros, com doações e venda subsidiada de combustíveis a preço justos, começaram também durante a greve de 2020 e se transformaram na principal estratégia de luta da Federação Única dos Petroleiros e dos sindicatos para denunciar a vergonhosa política de preço de paridade de importação (PPI).

Mesmo com toda a resistência da categoria petroleira, a gestão bolsonarista da Petrobrás seguiu com o projeto de desmonte da empresa. O fechamento da Fafen PR não só desestruturou centenas de famílias de trabalhadores, que foram demitidos sumariamente, como também aumentou a dependência do Brasil das importações de fertilizantes.

Passados quatro anos, os petroleiros e petroleiras que participaram dessa greve emblemática podem encher o peito de orgulho e reafirmar que a luta coletiva jamais será em vão. Um sonho sonhado junto se torna, sim, realidade. A categoria petroleira ainda segue mobilizada pela reconstrução integral do Sistema Petrobrás.

A reabertura da Fafen Paraná e o resgate da dignidade dos companheiros petroquímicos são legado dessa luta e, acima de tudo, mantêm acesa a chama da resistência.



Texto | Alessandra Murteira
Fotografias | Camila Pimentel, Davi Macedo,
Marcelo Aguilar, Maria João e Paulo Neves
Diagramação | Maria João